

UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA – UNILA

“Anais do I Encontro de Estudios Sociales desde América Latina y el Caribe: cenários
linguístico-culturais contemporâneos”
07, 08 e 09 de novembro de 2013 - UNILA

FOZ DO IGUAÇU - 2016



CIDADES UTÓPICAS: POLÍTICA, IMAGINAÇÃO E URBANISMO EM BELO HORIZONTE E LA PLATA

Frederico Alves Lopes¹

Resumo: Este trabalho evoca duas cidades latino-americanas: Belo Horizonte e La Plata. De base modernista, ambas foram erguidas no final do século XIX. La Plata, fundada em 1882, tornou-se capital da província de Buenos Aires. Belo Horizonte, inaugurada em 1897, tornou-se capital do estado de Minas Gerais. Aqui apresentamos um estudo comparativo entre as duas cidades, compreendendo ambas como cidades utópicas. Com base no pensamento de Ernst Bloch, as cidades de La Plata e Belo Horizonte são utopias concretas. Por serem planejadas para serem harmônicas, modernas e ideais, estima-se que as cidades-capitais aproximam-se do marco inicial do pensamento utópico.

Palavras-chave: Cidades; Utopias; Belo Horizonte; La Plata.

[...] outro sonho feliz de cidade
Aprende depressa a chamar-te de realidade [...]
Do povo oprimido nas filas, nas vilas, favelas
Da força da grana que ergue e destrói coisas belas
Da feia fumaça que sobe, apagando as estrelas [...]
Pan-Américas de Áfricas utópicas, túmulo do samba
Mas possível novo quilombo de Zumbi

Caetano Veloso, *Sampa*.

INTRODUÇÃO

O que é a cidade? Do latim *civitas*, originalmente “condição ou direitos dos cidadãos”. As cidades são histórias vivas, como nos mostra o cubano Ítalo Calvino. Surgidas a mais de 3000 anos a.C na antiga Mesopotâmia, as cidades floresceram, e culminaram, nos dias de hoje, nas populosas metrópoles mundiais. Falar da cidade é falar da diversidade, de uma realidade amplamente complexa, compreendendo múltiplos domínios: o cultural, a economia, a história, o campo arquitetônico, a política, a arte, ecologia, as relações sociais, e muito mais.

Como realidade complexa e diversa, pode-se evocar uma variedade enorme de cidades em nossa história. Desde a *polis* grega, a famosa cidade platônica, inspiradora e usurpadora

¹ Graduando em Ciências Sociais na Universidade Federal de Minas Gerais / UFMG
Contato: fredalveslopes@hotmail.com

da vida de Sócrates - local do público por excelência; passando pela Roma de Júlio César, secular e mística, terra da loba, mãe de Rômulo e Remo.

Durante boa parte da Idade Média as cruzadas buscaram, através de guerras e peregrinações, a cidade celeste: a famigerada Jerusalém. Considerada a terra santa, Jerusalém se tornou sagrada para mulçumanos, cristãos e judeus - lócus de fé das três grandes profecias.

Além dos mares europeus também encontramos fascinantes cidades, como as presentes no período pré-colombiano: Teotihuacán, a capital asteca, cortada de norte a sul pela “Rua dos Mortos”; ou ainda, a atual Cuzco, considerada umbigo do mundo, capital dos incas.

A era industrial, entretanto, é o momento de maior crescimento das cidades. Neste tempo elas se multiplicam e tornam-se modernas, espaços definitivos da vitória burguesa, locais de abrigo contra a opressão feudal, e, posteriormente, refratários da reprodução do capital, e também da pobreza dos trabalhadores. Neste contexto temos o vertiginoso crescimento das cidades industriais inglesas, como Londres e Manchester. Crescimento que depois abarca outras capitais européias, tais como Paris e Berlim. Após o século XVIII as grandes cidades pautadas na indústria ganham o globo, extrapolando os limites do Velho Mundo.

Filósofo e sociólogo alemão, Georg Simmel aproximou as cidades das obras de arte. Em suas palavras, como belos quadros Veneza e Roma se constituem. Assim, pois, as cidades se expressam pela totalidade, na qual desenvolvem ao longo da história, durante décadas, séculos e gerações. Ninguém hesitará em concordar no prazer que a contemplação de algumas cidades nos proporciona, excitando-nos os sentidos. Tal com a turbulência visual de Recife, a estética multicolorida de Salvador; o mormaço *caliente* de Belém; ou, ainda, o frescor místico das primaveras em Ouro Preto.

Seria belo aproximar a história da humanidade com a história das cidades. Contudo, neste texto temos uma pretensão mais humilde: trabalhar com duas cidades singulares, ambas surgidas no final do século XIX, sendo elas: La Plata e Belo Horizonte, dois marcos latino-americanos. Entretanto, o que torna essas duas cidades especiais?

La Plata, na Argentina, e Belo Horizonte, no Brasil, foram as duas primeiras *urbes* na América Latina, planejadas e construídas sob a tônica “moderna” - racional e geométrica, que

prescreviam a beleza e a salubridade dos espaços como elementos centrais². Diferentemente das inúmeras intervenções urbanas executadas em várias cidades, tanto na América quanto na Europa, Belo Horizonte e La Plata têm suas origens num ato criador único e externo. Para elas cabe aqui o conceito de “cidades novas”, que refere-se de forma geral a espaços “planificados e criados conscientemente em resposta a objetivos claramente formulados”, implicando, “a existência de uma autoridade suficientemente efetiva para assegurar o lugar, reunir os recursos e exercer um controle contínuo até que a cidade alcance um tamanho viável” (Galantay *apud* Arrais, 2009, p. 66).

Fundadas em 1884 e 1897, La Plata e Belo Horizonte, respectivamente, foram antes de tudo cidades imaginadas. Construídas para serem capitais - a primeira para a província de Buenos Aires, a segunda para o estado de Minas Gerais - elas foram sonhadas para afirmar o processo de modernização, o qual passava a Argentina e o Brasil no final do século XIX. Desde modo, elas sustentam em seus planos o sonho de cidades harmônicas e ideais, cuja tradição nos remete às utopias urbanas de Tomas More (A Utopia), Tommaso Campanella (A Cidade do Sol) e Francesco Patrici (A Cidade Feliz), entre outras (FREITAG, 2003).

Aproximar as capitais - mineira e bonaerense - dos projetos de cidades utópicas, eis o cerne desse trabalho. Aqui utilizamos da perspectiva comparada para enfatizar a história do processo de modernização das duas regiões latino-americanas, permitindo compreender suas singularidades e semelhanças, fixando como pano de fundo as duas capitais como utopias concretas.

ARGENTINA E EL “MILAGRO DE LA HISTORIA”

Localizado na Província de Buenos Aires, o município de La Plata, construído nos anos finais do século XIX, tornou-se um dos projetos urbanísticos de maior grandeza e sucesso na América Latina daqueles tempos. Sonho antigo, anos após a Independência da Argentina, os governos provinciais foram instituídos, fixando-se deputados e governadores para cada região. Desde modo a cidade de Buenos Aires, a mais importante da Argentina, tornou-se uma dupla capital: da província de Buenos Aires e também do país. Perene conflito, governo provincial e central passaram a disputar a hegemonia política na capital portenha.

² Cabe ressaltar aqui a cidade de Teresina, capital da Província de Piauí, no Brasil, foi planificada e construída antes, no ano 1852. Contudo, apesar do traçado geométrico, não foi construída sob a urbanística moderna.

Para solucionar a questão tinham-se duas soluções possíveis: a criação de uma nova capital para a província ou a construção de uma nova capital para o país. Contudo, nenhum dos lados “dava o braço a torcer”, mantendo-se assim a confusão do controle da nação com o da província. Juan Bautista Alberdi, grande ideólogo nacional, delineou com solução definitiva de se federalizar a cidade de Buenos Aires para a capital nacional e construir aos arredores, nas colinas de Ensenada de Barragán, próxima a um porto natural, uma nova capital para a província de Buenos Aires. Assim ele pronunciou:

“Lo que más me entusiasma, en este gran cambio de regeneración argentina, no tanto es la grandeza que adquiere a Nación tomando por Capital a Buenos Aires, la región austral de toda la República, como la grandeza que adquiere colocando su capital en el más grande y bello puerto sud-americano del Atlántico, sin alejarse, por decirlo así, de su viejo asiento, pues queda ligado con él, formando como dos ciudades en una...”(ALBERTI apud NICOLINI, sem ano, p.43).

Nada obstante, não houve acordo. A situação se agravou até que em meados de junho de 1880 a crise política extrapolou para conflitos armados. De um lado, a milícia provinciana, liderada pelo governador Carlos Tejedor, e de outro, as forças nacionais, com o general Julio Roca à frente. Depois de vários combates o conflito se intensifica. Sabato *apud* Mader (2011, p. 174) aponta que no dia 21 de junho durante mais de dez horas os dois exércitos se enfrentaram nas margens da cidade, entre muitos mortos e feridos, os dois lados se intitularam vitoriosos. “Poucos dias depois a paz foi firmada, confirmando a derrota dos rebeldes portenhos. A província sofreu intervenção, a capital foi finalmente federalizada e as milícias colocadas sob o comando nacional”, chegando ao fim o ciclo de resistências locais.

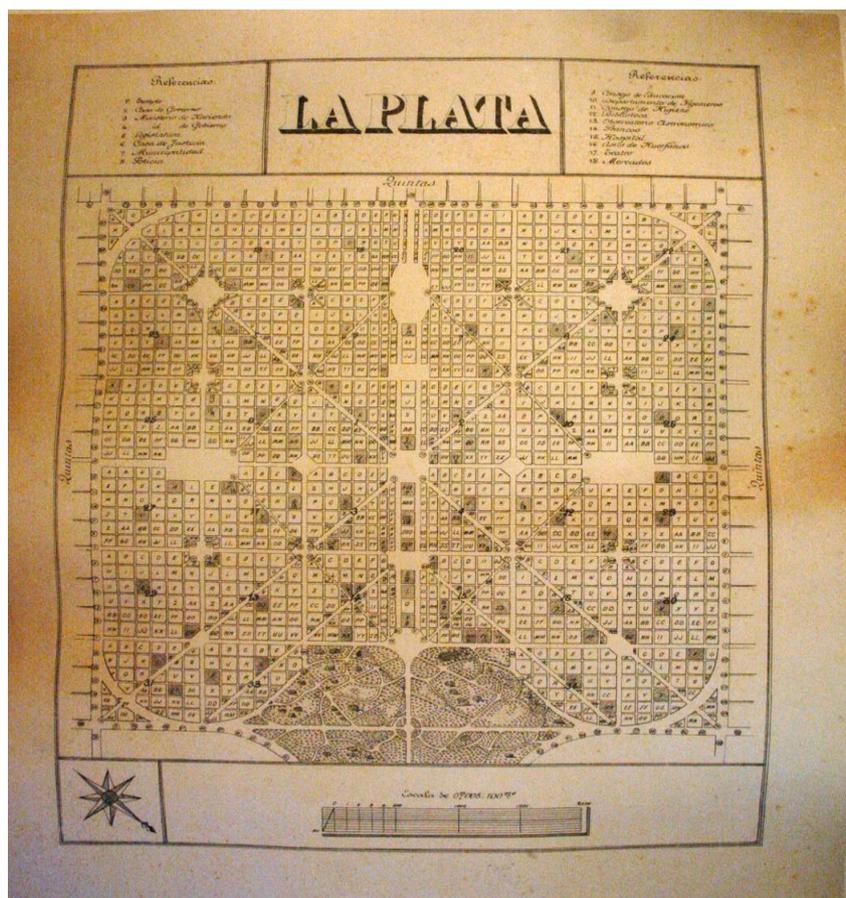
A província teve assim que transferir sua capital. De prontidão, a partir de 1881, iniciaram-se os trabalhos para a escolha da nova capital. Dardo Rocha (1838-1921) acabara de assumir o governo de Buenos Aires e tomou uma série de iniciativas para a concretização da empreitada até o final do seu mandato. O primeiro ato, a criação da *Comisión de La Capital*, formada por políticos, engenheiros, advogados e médicos higienistas, sob a coordenação do arquiteto Pedro Simon del Corazón Jesús Benoit, para projetar, desenhar e construir a nova capital (ARRAIS, 2009, p. 66).

O segundo decreto emitido por Rocha descrevia os critérios que deveriam ser levados em conta para a escolha da localidade, tais como: qualidade dos terrenos, quantidade e qualidade de água, facilidade de comunicações, condições climáticas e sanitárias, além de

demais vantagens ou inconvenientes que pudessem interferir na administração pública (ARRUDA, 2011). O local escolhido, coincidentemente, um sítio a sessenta quilômetros de Buenos Aires, às margens do Rio de La Plata, foi as terras altas de Ensenada, tal como idealizado por Juan Alberti, tempos antes. Em mensagem enviada aos deputados e senadores provinciais o governador Rocha assim justifica a escolha:

"Un lugar no muy lejos de Buenos Aires ni muy próximo tampoco [...] que ocupe un lugar central con relación a la Provincia y que no le falte ninguna condición natural para una gran agrupación urbana [...] con una tradición científica y política que la ratifica y la anuncia de tiempo atrás ... las tierras altas de la Ensenada, en la vecindad del puerto, es el sitio más aparente para fundar la Capital de la Provincia" (ROCHA *apud* NICOLINI, sem ano, p. 43).

Depois de escolhido o lugar, três planos iniciais foram produzidos para a cidade ideal. O pesquisador Rogério Arruda (2012) nos informa que os dois primeiros planos tinham as características tradicionais do *damero clásico* hispânico, com planos em formato de tabuleiro quadrático, com uma a combinação de anéis concêntricos; e um terceiro plano urbanístico, espécie de cidade-porto, com a inovação do traçado diagonal e das novas concepções médico-higienistas. O último projeto foi ratificado.



Plano fundacional da cidade de La Plata, 1883.
 Fonte: Vistas de La Plata. Biblioteca Nacional Argentina.

O desenho final, elaborado pelo arquiteto Benoit, consistia num quadrado perfeito formado pelo traçado da *Avenida de Circunvalación*, um grande *boulevard* com mais de cinco quilômetros de extensão que circula toda a margem da cidade. No plano geral um quadriculado de trinta e seis quarteirões, tal como a tradição da Lei das Índias, superposto por outro quadriculado, em diagonal. Duas grandes avenidas em diagonais, com trinta metros de largura, permitem ligar as distancias extremas da cidade, de um lado a saída para o porto, e do outro a saída para Buenos Aires. A interseção das duas avenidas define o centro geográfico da cidade - a *Plaza Moreno*, formada pela *Casa de Gobierno* ao lado da Catedral. Mais quatro avenidas em diagonais menores, cada uma com dezoito metros de largura, formam um losango, disposto no centro do perímetro urbano, interligando o bosque da cidade e mais três grandes praças (ARRAIS, 2009).

O plano da *Ciudad de Las Diagonais* possuía ainda vinte praças e quatro parques, sendo um o grande bosque. O espaço verde aumenta com a arborização dos boulevares e ruas, totalizando em La Plata o projeto de uma cidade higiênica. Vale destacar que a higiene pública

passa a ser central no último terço do século XIX, muito por conta das grandes epidemias – vide a febre amarela em Buenos Aires (1871), e da expansão do pensamento positivista aplicado ao desenvolvimento urbano e social (durante o séc. XIX nas reformas de Paris, Barcelona, Nova York, etc). “O higienismo médico reclamará por ventilação urbana, serviços de saneamento, espaços verdes e provisão de água segundo critérios científicos” (GUTIÉRREZ, 2013, p.146). Bonastra (1999) aponta que desde a escolha do local para a construção da cidade via-se uma prescrição higienista: “se buscó un paraje de acuerdo con los preceptos higiénicos, realizó una detallada topografía médica del terreno teniendo en cuenta el clima, los vientos dominantes, la calidad de los terrenos y del agua.” A medicina veio a se juntar ao urbanismo, formando um pensamento médico, sanitário, higiênico aplicado ao desenvolvimento da cidade. O pensamento higienista veio, sobretudo, do academicismo francês, balizado pelas reformas empreendidas pelo barão Georges-Eugène Haussmann, em Paris, entre as décadas de 1850 e 1870, durante a administração de Napoleão terceiro. O projeto haussmanneano está pautado no tripé higiene-razionalidade-modernidade. Não obstante, é preciso apontar outras influências no projeto argentino, tal como a tradição hispânica e estadunidense, mas também Londres e, além disso, Versalhes, através da combinação do traçado diagonal e ortogonal e da multiplicação de espaços verdes (GUTIÉRREZ, 2013).

Quanto aos conjuntos arquitetônicos, os prédios públicos foram escolhidos em concursos internacionais, vencidos por arquitetos alemães. Muitos deles tomam um quarteirão inteiro, em espécie de monumento, sendo os mais importantes construídos no meio do plano, ao longo das avenidas 51 e 53, local denominado Eixo Cívico. Aqui se encontra os prédios, além da Catedral e da Municipalidade, o da Legislatura, dos Bombeiros, da Casa do Governo, do Ministério da Fazenda, entre alguns outros. Tanto os projetos ganhadores do concurso quanto os desenhados pela equipe de Benoit optaram predominantemente pelo ecletismo (BARROS, 2005).

Por sua diversificação arquitetônica, de variados estilos, fica difícil estabelecer uma unidade no plano platense, o que acabou por gerar um clima cosmopolita. Cosmopolitismo e ecletismo que contribuíram, nas palavras de Gutiérrez (2013, p.159), em constituir La Plata numa cidade mais “européia” que qualquer outra da Europa. Cosmopolitismo e ecletismo que formam também imagens de tolerância migratória e de uma vanguarda, “cidade do futuro”. De fato, nos primeiros anos da cidade, o Censo realizado aponta uma população formada

majoritariamente por imigrantes, sobretudo italiana, isso devido à falta de mão-de-obra para a efetivação do projeto, o que gerou incentivo à imigração massiva de europeus.

Os trabalhos de construção da cidade iniciaram-se em 1882, data da sua fundação, e dois anos depois a cidade foi inaugurada. Eficiência e rapidez que chamaram atenção, conseguindo o governador Dardo Rocha cumprir seu projeto de transferência da nova capital provinciana até o final do mandato. Planejada inicialmente para uma população de duzentas mil pessoas, La Plata, seis anos após a sua inauguração já contabilizava sessenta mil habitantes, em sua maioria homens, construtores da cidade.

Mirando La Plata muitos se deslumbraram, tal como Corvetto que afirmou: "La característica actual argentina es el poder de creación, cuya revelación es La Plata, con el nuevo puerto de la Ensenada, todo un milagro en la historia" (CORVETTO *apud* NICOLINI, 1885, p. 46).

CIDADE DE MINAS E A REPÚBLICA

“(...) a Urbs está criada, faltando porém, a Civitas (...) que venha rápido também, para ser o baluarte da inteligência, do patriotismo e da confraternidade” (BARRETO *apud* VEIGA, 1997, p. 108).

A construção de Belo Horizonte se relaciona com um especial momento vivido pela história brasileira. Anos antes ocorrera a Abolição da Escravatura (1888) e a Proclamação da República (1889), com o Brasil banindo assim os últimos grandes significantes do seu passado colonial e imperial, mesmo que na prática as conseqüências tenham sido menos manifestas. Assim o Brasil, corria para se apresentar ao novo século como uma nação moderna e republicana. Através das rearticulações com o governo central as oligarquias regionais conseguiram manter e reestruturar os respectivos poderes político e econômico. Em Minas Gerais o projeto político republicano converge na pressão de se abandonar a antiga capital colonial (Ouro Preto), para a construção de uma nova capital no estado, moderna e utópica (BARROS, 2004).

Contudo, no estado de Minas Gerais a mudança de capital não era um consenso formado. Políticos conservadores com ligação a Ouro Preto lutavam para manter a cidade colonial como capital. Oligarcas da cafeicultura e do transporte, das regiões da Mata e do Sul, motores econômicos do estado, barganhavam e exerciam poder de “mando político” (ARRAIS,

2009, p. 69). Várias forças atuaram na tentativa de controlar o caminho a seguir as Minas Gerais: fundar uma cidade planejada com rigor arquitetônico e geométrico, diferente da realidade colonial; ou continuar em Ouro Preto a capital, cidade histórica, força do desenvolvimento no ciclo do ouro?

Barros (2004) aponta que durante trinta meses o debate em volta da localidade da nova capital tornou-se questão perene dos políticos mineiros. Cinco localidades no total pleiteavam tornar-se a nova capital: Barbacena, Juiz de Fora, Várzea do Marçal, Paraúna e Arraial de Belo Horizonte (anteriormente denominado Curral d'El-Rey).

Em um estudo inédito no Brasil, realizado pelo engenheiro Aarão Reis a pedido do governador Afonso Pena, foi detidamente avaliada a potencialidade de cada uma dessas localidades em termos (tal como em La Plata), de salubridade, facilidades para a construção em geral e possibilidades de abastecimento, iluminação e articulação viária, bem como os custos demandados para a implantação da nova capital em cada uma delas, a comissão concluiu que Belo Horizonte e Várzea do Marçal atendiam às exigências para a implantação da nova capital, sendo Várzea do Marçal considerada mais adequada por já possuir ligação com a rede ferroviária.

“Ótimas condições de salubridade, abastecimento abundante de água potável, facilidades oferecidas pelo local para edificação e construção em geral, como pedreiras, jazidas e matas, e ainda uma análise da topografia em relação a livre circulação e a ligação do plano geral da viação estadual e federal, de modo a facilitar a ação política e administrativa dos poderes públicos e a movimentação comercial e industrial do estado” (Relatório da Comissão de Estudo das Localidades indicadas para a nova Capital. Disponível em: <<http://www.comissaoconstrutora.pbh.gov.br>>. Acesso em 26 out. 2013. p.2).

Todavia, a decisão caberia ao Congresso Mineiro. Em fins de julho de 1893, foi formada no Congresso uma comissão para emitir um parecer e apresentar um projeto sobre o local mais conveniente à edificação da nova capital, tendo como base o estudo de Aarão Reis. Como os trabalhos do Congresso se encerrariam naqueles dias, não haveria tempo útil para a discussão do trabalho realizado pela comissão. Neste sentido, foi convocada uma sessão extraordinária para novembro na cidade de Barbacena. A transferência também foi justificada devido à situação tensa em que se encontrava a cidade de Ouro Preto, fórum de atuação e pressão dos antimudancistas.

No final, por questões políticas, o Congresso Mineiro acabou escolhendo a localidade de Belo Horizonte para a implantação da nova capital, com um prazo estabelecido de quatro

anos para a sua construção. A vitória apertada (30 votos favoráveis a Belo Horizonte contra 28 favoráveis a Várzea do Marçal) demonstra a intensidade dos debates naquela sessão e entre os grupos sócio-políticos que os apoiavam. Belo Horizonte, por se encontrar no centro do estado estava isenta das disputas regionais. Além disso, outro fator explica sua vitória: o apoio dos antimudancistas, que acreditavam, como último recurso, na inviabilidade econômica e estrutural da transferência, apoiando Belo Horizonte na expectativa da capital continuar sendo Ouro Preto (ARRAIS, 2009).

Vale destacar que a questão da construção da nova capital extrapolou a discussão entre políticos, abrangendo, claro que não toda, mas grande parte da sociedade mineira. Veiculadores de ideologias, os jornais participaram ativamente do debate. Arruda (2012) detalha que o jornal *O Pharol* tornou-se líder em propaganda pela mudança da capital mineira. Em suas publicações o jornal sugeria que o estado de Minas seguisse o exemplo da província de Buenos Aires e construísse uma nova capital. La Plata passa a ser assim representada como sinônimo de beleza, salubridade e comodidade: esta cidade é “a mais bella talvez de todas as cidades americanas” (*O Pharol*, 15 jan. 1890 apud ARRUDA, 2012, p. 108). E se Buenos Aires conseguiu Minas também podia trilhar seu caminho utópico e moderno, pois Minas Gerais não era inferior, “sob nenhum aspecto”, à província de Buenos Aires (*ibidem*).

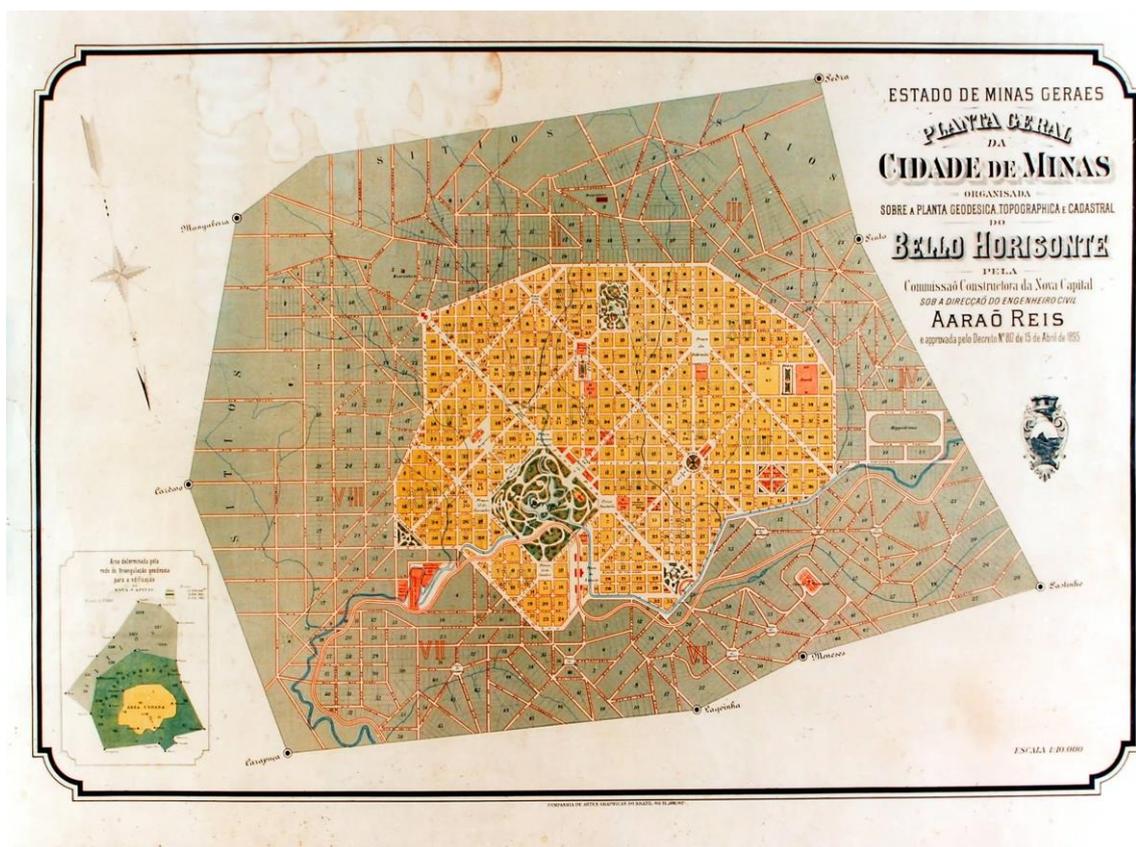
Contudo, imagens negativas da urbe platense também eram veiculadas pelos jornais. *O Correio da Noite*, jornal ouro-pretano, abriu seu editorial alertando: “O caso é que uns patriotas conceberam a ideia de uma La Plata para Minas. A questão da mudança da capital já não resume, pois, senão em apetites de la plata.” (*Correio da Noite*, 17 jan. 1890 apud ARRUDA, 2012, 108). *O Jornal de Minas*, por sua vez, afirmava que La Plata, “[...] ao passo que não attrahiu população nacional, foi convertida em grande colônia de estrangeiros” (*ibidem*). E de fato, nos seus primeiros anos de existência, a maioria da população de La Plata era composta por estrangeiros, contudo, muito por conta da política de incentivo imigratório.

Percebe-se que La Plata serviu de modelo para a construção de Belo Horizonte, ora para ser descartado ou para ser seguido. Mas Aarão Reis buscou não somente em La Plata suas inspirações. O plano elaborado para Belo Horizonte resume boa parte da cultura técnica e das preocupações estéticas do século 19 relativas à cidade. Seu traçado denota relação com o plano de l'Enfant para Washington e da reforma realizada por Haussmann em Paris. Fervoroso adepto do positivismo, Reis buscou estruturar sua proposta em sintonia com os avanços da ciência e da técnica de seu tempo, que ele buscava acompanhar de perto. Para

ele, o planejamento da cidade deveria "obedecer às mais severas indicações e exigências modernas da hygiene, conforto, elegancia e embellezamento" (BARROS, 2005).

Em 1895 a planta geral da capital é apresentada como resultado da utopia moderna, de substituição da desordem urbana gerada pela imprevisibilidade e conflitos dos atores urbanos das cidades industrializadas, pela gestão técnica e racional do espaço. Nas ideias de Aarão Reis era necessário "traçar com a régua e o compasso uma ordem social harmônica, unitária, onde não haveria lugar para a chamada desordem urbana" (OLIVEIRA *apud* PASSOS, 2009, p.11).

As ruas, criteriosamente mensuradas, formando quarteirões regulares, desenhavam um traçado semelhante a um tabuleiro de xadrez. A malha urbana retilínea era pontuada por algumas praças, das quais se irradiavam avenidas longas e largas, que cruzavam, em diagonal, os pontos extremos da cidade. Uma área de 51.220.804 m² foi dividida em 27 triângulos, que passaram a ser designados por secções. O zoneamento funcionava como instrumento fundamental para o controle da cidade (JULIÃO *apud* BARROS, 2004).



Planta urbana da Cidade de Minas, circunscrita pela Avenida do Contorno, 1895.

Fonte: Museu Histórico Abílio Barreto.

O plano da cidade que propôs Aarão Reis e sua equipe foi pensado para abrigar, semelhante à La Plata, uma população em torno de 200.000 habitantes. Uma avenida de

contorno com uma largura de 35 metros, tal como *la Circunvalación* platense, marcava o limite entre as zonas urbana e suburbana. A zona urbana caracterizava-se por um traçado geométrico - com o qual se retomava a tradição do traçado em xadrez em cidades construídas *ex-nihilo* - sendo o cruzamento das vias em ângulo reto interrompido por diagonais a 45 graus. Uma grande avenida de 50 metros de largura atravessava a cidade de Norte a Sul (a atual Avenida Afonso Pena), no interior do anel de contorno. Semelhante à importância do grande Bosque em La Plata, em Belo Horizonte particular interesse foi concedido às áreas verdes e ao paisagismo, propondo-se um grande parque em posição central – O atual Parque Municipal. As ruas foram dimensionadas com 20 metros de largura e com um renque de árvores ao meio; as avenidas com 35 metros de largura e árvores nas laterais. A zona urbana articulava-se em torno de um centro administrativo formado pelo palácio do governo e pelas secretarias, junto ao qual desenvolvia-se o Bairro dos Funcionários. Faziam parte ainda da zona urbana, o Bairro Comercial, conjugando as praças do Mercado e da Estação, os palácios do Congresso e da Justiça, a Municipalidade, uma capela, um hotel, escolas, hospital e jardim zoológico.

Pois bem, ao fim, no dia doze de dezembro de 1897 estava inaugurada a nova capital das Minas Gerais: cidade moderna, republicana, com seu Belo Horizonte.

Para a cidade da república foram aventados os nomes de Santa Cruz, Terra Nova e Novo Horizonte, além de ter sido inaugurada sob o nome de Cidade de Minas. Riscada a cidade, inaugurada ainda em obras, até os nomes de seus espaços planejados deveriam fazer ecoar os significados do discurso republicano: as avenidas grandes e largas receberam os nomes de grandes rios (Amazonas, Paraná, Tocantins, Paraibuna); as ruas dentro do perímetro urbano recebem os nomes dos estados dispostos seqüencialmente em paralelismo diagonal; outras homenagearam os índios dos tempos heróicos dos jesuítas: Tupinambás, Tamoios, Guajajaras, Guaicurus etc; os bandeirantes, os primeiros governadores (Dias Adorno, Tomás de Souza), os poetas e Inconfidentes (Tomás Gonzaga, Cláudio Manuel, Gonçalves Dias, Rua dos Inconfidentes); e, por fim, nenhum nome de santo, pois não era do feitio positivista e republicano (MELLO, *apud* BARROS, 2004).

CIDADES UTÓPICAS, CIDADES REAIS

Cada vez mais estão sendo realizados estudos comparativos entre cidades. Contudo, apesar da crescente importância desse tema para diversas áreas do conhecimento, quase sempre se privilegia análises sobre cidades européias. Buscando análises urbanísticas, é de praxe encontrarmos estudos sobre Barcelona, Paris, Londres, Berlim, entre outras. Neste

trabalho, entretanto, buscou-se um estudo latino-americano por excelência: aproximar as cidades de La Plata e Belo Horizonte.

Construídas no último quarto do século XIX, as capitais mineira e bonaerense têm muito em comum, como demonstrado neste texto. Foram construídas como espelhos do progresso que buscavam Argentina e Brasil na virada do século. Tal como a bandeira brasileira, Belo Horizonte deveria expressar *Ordem e Progresso*. La Plata, por sua vez, nascia para inaugurar não somente um novo espaço, mas também um novo tempo para a nação argentina: o tempo da modernidade, do desenvolvimento, uma nova capital para um novo país em um novo século.

Todavia, Nogueira (1998) nos adverte, “não nos esqueçamos de que a imagem é um modelo da realidade, o que é imaginável é também possível. Portanto, a utopia que envolve a cidade percorre um círculo incessante que supõe sonho e realidade” (NOGUEIRA, 1998). La Plata e Belo Horizonte saíram do papel para virarem realidade. São cidades utópicas porque foram antes de tudo cidades sonhadas.

Vale lembrar que o termo “utopia” teve sua origem em 1516, na obra de Thomas More *Sobre o melhor estado de uma república e sobre a nova ilha Utopia*, livro resumidamente conhecido entre nós como *A Utopia*. Etimologicamente o termo significa “não-lugar”, “lugar nenhum”, e é fruto da junção de duas palavras gregas: o advérbio de negação *ou* e o substantivo masculino *topos*.

Não foi por acaso que More deu este nome à sua ilha ideal. Na Inglaterra de seu tempo inexistia liberdade de expressão e também de pensamento – suas ideias eram subversivas, e, para evitar maiores problemas, acabou situando sua criatividade de uma vida melhor num lugar inexistente, no nada: em Utopia.

Mas se a ilha utópica de More se situa no nada, somente na imaginação, Belo Horizonte e La Plata, diferentemente, foram concretizadas, construídas, e hoje se inscrevem na história de nossa América. A cidade platense se encontra a cinquenta e seis quilômetros a sudoeste de Buenos Aires, possuindo aproximadamente 940,38km² de superfície, quase três vezes maior que Belo Horizonte. A capital de Minas, por sua vez, tem atualmente 2.375.444 habitantes, o triplo de La Plata. Ambas planejadas para apenas 200.000 cidadãos, hoje as duas capitais precisam se reinventar, pois construídas para o século XX, enfrentam problemas do século XXI (BARROS, 2005, p. 171).

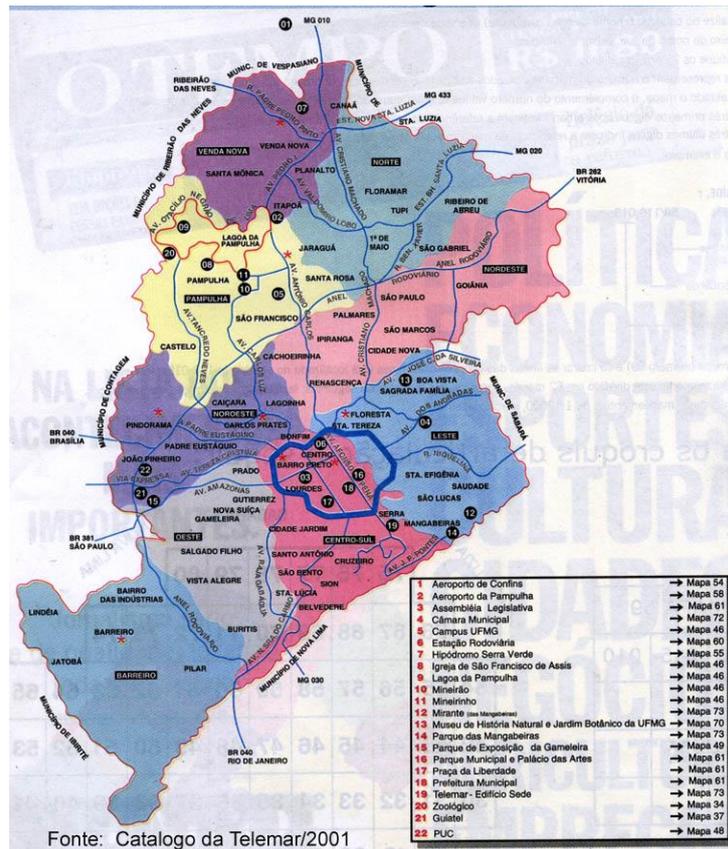


Foto aérea da cidade de La Plata. Fonte: <http://www.nuevoambiente.org.ar>

Enfrentando uma de suas maiores crises – La Plata se ergue depois de uma grande inundação que deixou a cidade modelo submersa. Temporais seguidos de inundações castigaram a capital provincial durante o mês de abril deste ano, deixando pelo menos cinquenta e cinco mortos (Jornal UOL, 2013).³ Paradoxalmente, seu plano foi desenvolvido antes da escolha da localidade onde seria construída. O que demonstra nas palavras de Gutierrez (2013, p. 143) “a fragilidade das propostas mais atentas à regularidade das formas do que às circunstâncias concretas da vida urbana.”

Belo Horizonte também não fica atrás. Planejada somente no interior da Avenida do Contorno a cidade cresceu muito mais do que Aarão Reis poderia imaginar. Antes de sua inauguração, Belo Horizonte já possuía suas aglomerações. Isso mesmo, as favelas de Belo Horizonte vieram antes da cidade, pois sem planejamento, a área suburbana cresceu como moradia dos próprios construtores da capital.

³ Jornal Eletrônico, disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/ciencia/ultimas-noticias/afp/2013/04/08/trezentos-e-cinquenta-mil-argentinos-sofreram-com-inundacao-em-la-plata.htm>>



Mapa de Belo Horizonte dividido em suas nove regionais.

Azul corresponde à Avenida do Contorno.

A zona urbana que constituía o espaço moderno e ordenado reservado para as elites mineiras. Possuía avenidas largas, retas, geométricas, infra-estrutura sanitária e técnica, área que deveria ser espelho das cidades mais modernas do mundo; a zona suburbana, fora dos limites da Avenida do Contorno que funcionava como uma fronteira que separava a vida urbana da suburbana, onde as moradias eram sofríveis e os serviços precários.

“O planejamento retilíneo, a monumentalidade dos espaços, os equipamentos públicos e os investimentos limitam-se, contudo, à área urbana da nova capital. As áreas suburbana e rural desenvolver-se-iam num geometrismo menos evidente e de vias tortuosas e irregulares adaptadas à topografia acidentada, coerentes com a perspectiva excludente do projeto conservador de modernização. Belo Horizonte nasce dividida em duas: a cidade do poder e de seus funcionários e a cidade de seus trabalhadores, que se desenvolverá espontaneamente” (BARROS, 2004).

Ou seja, Belo Horizonte e La Plata são utopias concretas, tal como formulado pelo filósofo marxista Ernst Bloch, e por isso mesmo precisam ser reinventadas. Como nas palavras do filósofo da esperança - “a utopia... deve ser igualmente rigorosa contra si mesma, desenvolvendo uma consciência de suas próprias fronteiras” (BLOCH apud FREITAG, 2003, p.

232). Aqui, mais do que nunca necessitamos reconhecer os limites da utopia cidadina que se desenrolou em La Plata e Belo Horizonte.

“Uma utopia que vai se dissolvendo à medida que se realiza poderia fazer surgir uma situação que escape, por princípio, à previsão utópica: novos obstáculos, novas dificuldades, novos ônus poderiam apresentar-se, que difiram completamente de tudo quanto conhecemos... A utopia realizada é outra” (*ibidem*).

Sincera verdade, as cidades utópicas aqui descritas foram realizadas, e estão muito distantes das imaginações iniciais de Pedro Benoit e Aarão Reis no final do século XIX. Novos obstáculos e problemas surgem nos anos iniciais do século XXI. Novas utopias necessitam ser sonhadas. Uma nova La Plata e uma outra Belo Horizonte precisam ser imaginadas. E para tal desafio evoco um de nossos maiores intelectuais latino-americanos, Eduardo Galeano. Quando perguntado sobre a finalidade da utopia em dias atuais Galeano sabiamente respondeu: "A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei." Mas se nunca alcançarei, para que serve a Utopia? "Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar". Exercendo nossa liberdade, não paremos de caminhar em busca de cidades melhores de se viver.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

ARRAIS, Cristiano Alencar. Belo Horizonte, a La Plata Brasileira: entre política e o urbanismo moderno. **Revista UFG**, Goiana: Junho, Ano XI, Nº 6, 2009.

ARRUDA, Rogério Pereira de. Belo Horizonte e La Plata: cidades-capitais da modernidade latino-americana no final do século XIX. **Revista de História Comparada**, Rio de Janeiro, 6-1: p. 85-123, 2012.

ARRUDA, Rogério Pereira de. **Cidades-capitais imaginadas pela fotografia**: La Plata (Argentina) e Belo Horizonte (Brasil), 1880-1897. Tese de Doutorado em História – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

BARROS, José Márcio. O Discurso da Modernidade. A fundação de Belo Horizonte como marco enunciativo. **Os Urbanitas** - Revista de Antropologia Urbana, Edição Aguaforte Assessoria Web, ano 1, vol. 1, julho de 2004. Disponível em: <www.osurbanitas.org>

BARROS, José Márcio. **Cultura e Comunicação**. Nas avenidas de contorno em Belo Horizonte e La Plata. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2005.

BONASTRA, Joaquim. Higiene Pública y Construcción de Espaço Urbano em Argentina. La Ciudad Higiénica de La Plata. **Scripta Nova - Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**. Universidad de Barcelona [ISSN 1138-9788] Nº 45 (28), 1 de agosto de 1999. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/sn-45-28.htm>>

CHERSO, Francesco Patrizi. **A cidade feliz**. Tradução Helvio Moraes. Coleção Mundus Alter. Campinas, São Paulo: Unicamp, 2011. 136p.

FREITAG, Barbara. Utopias Urbanas. *IN*: BARREIRA, César (Org.) **A Sociologia no Tempo: memória, imaginação e utopia**. São Paulo: Editora Cortez, 2003.

GUTIÉRREZ, Ramón. Reflexões sobre o urbanismo do século XIX. *In*: FRIDMAN, Fania (Org.) **Cidades do Novo Mundo: ensaios de urbanização e história**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2013.

MADER, Maria Elisa Noronha de Sá. Buenos Aires em armas (Resenha). A revolução de 1880. **Almanack**. Guarulhos, n. 01, p.174-179, 1º semestre 2011.

MORE, Thomas. **A Utopia**. Tradução Maria Isabel Tomás. 2ª edição. São Paulo: Martin Claret, 2000. 130p.

NICOLINI, Alberto. **La Ciudad Planificada**. Sítio Eletrônico, Disponível em: <<http://upcommons.upc.edu/revistes/bitstream/2099/5360/6/Article14.pdf>> Acesso em 30 de setembro.

NOGUEIRA M. A. L. A cidade imaginada ou o imaginário da cidade. **História, Ciências, Saúde, Manguinhos**, V (1): 115-123 mar.-jun. 1998.

PASSOS, Daniela Oliveira Ramos dos. A formação urbana e social da cidade de Belo Horizonte: hierarquização e estratificação do espaço na nova Capital mineira. *In*: **Temporalidades**, Belo Horizonte Vol. 1 n.2 (ago./dez. 2009), p. 37, 2009.

PETRONE, Mario. **Algunas aproximaciones a las ciudades latinoamericanas**. Buenos Aires: Explora Editora, Ciencias Sociales. 2008. Disponível em: <<http://explora.educ.ar/wp-content/uploads/2010/03/CSSOC04-Algunas-aproximaciones-a-las-ciudades1.pdf>>

VEIGA, Cynthia Veiga. Projetos Urbanos e Projetos Escolares: aproximação na produção de representações de educação em fins do século XIX. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, Nº 26, dezembro, 1997. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/edur/n26/n26a09.pdf>>

VIDAL, Laurent. Utopias urbanas no Brasil contemporâneo dos equívocos do nome à multiplicidade das experiências. **Revista Cronos**, Natal-RN, v. 9, n. 1, p. 15-18, jan./jun. 2008. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufrn.br/index.php/cronos/article/view/1791/pdf>>